

ATÉ O RIO TÁ TRISTE

Contos de Realidades



Carla Lubanco

Gabriela Ventura

Elaboração do projeto e autoria:

Carla de Almeida Lubanco;

Coautoria: Gabriela Ventura

Criação dos elementos visuais:

Ilustração: Adriane Tranhaqui

1ª Revisão textual: Gabriela Ventura

2ª Revisão textual: Cristiane Cássia de Soares Ramada

Diagramação: Núcleo de Realidades Digitais (IFRJ)
e Ane Caroline Oliveira.

Título do livro: Até o rio tá triste – Contos de Realidades

Gênero: Narrativo

Ano da produção: 2023

L926a Lubanco, Carla de Almeida.
"Até o rio tá triste - Contos de Realidades". Rio de Janeiro:
Mesquita, 2021.

46 p. il.

Científica Livro (Curso especialização em Educação e Divulgação
do Programa de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação e
Divulgação Científica.) do IFRJ / Campus Mesquita, 2023.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Gabriela Ventura.

1. Divulgação Científica. 2. Comunidades Tradicionais. 3. Edu
cação Ambiental crítica. 4. Contos. I. Lubanco, Carla de Almeida.
II. Instituto Federal do Rio de Janeiro. III. Título.

Liv. /IFRJ/CMesq ProfEPT/PG

Acervo Campus Mesquita
Ficha catalográfica elaborada por
Marcos F. de Araujo.
CRB₇ / 3600.

Este livro é um produto da pesquisa realizada por Carla de Almeida Lubanco sob a orientação da Prof.^a Dra. Gabriela Ventura, na Especialização em Educação e Divulgação Científica (IFRJ/Campus Mesquita), como uma estratégia de divulgação científica para comunidades tradicionais da dissertação intitulada “Até o Rio tá Triste: a interpretação da paisagem do Rio Suruí a partir de uma reconstituição histórica ambiental participativa”, produzida também pela pesquisadora Carla, durante o Mestrado em Geografia e Meio Ambiente (PUCRio), orientada pela Prof.^a Dra. Agnieszka Ewa Latawiec.



Prefácio

Neste pequeno, mas grandioso livro, podemos conhecer a história do Rio Suruí através de cinco contos fabulosos. Podemos nos reaproximar da natureza, de onde nunca deveriam ter nos afastado. Sim! Os contos que vocês lerão nos mostram como um determinado projeto de civilização tornou nossos rios simples objetos e fontes de lucro e nos separaram da natureza, como se dela, nós seres humanos não fizéssemos parte. Um projeto de civilização que, como nos conta o Rio Suruí neste livro, tem destruído não só os rios, mas também sacrificado grandes parcelas da humanidade. Sim, até o rio está triste! E ele reclama: “Os mundos cheios de cores, de gentes, de árvores, de vida verde foram desbotados. Empalideceram o Planeta.” Todos nós, seres humanos, deveríamos estar tristes também! Mas apesar da profunda tristeza, os contos nos dão esperanças! Contam-nos a história de pessoas que lutam pelo direito de todos os seres humanos de existir, pelo direito do rio Suruí de existir. Pelo direito que todas as formas de vida têm de existir. Os contos que vocês lerão são uma chama que nos acende as memórias para que possamos entender como chegamos até aqui. São histórias que resgatam o passado do Rio Suruí, para entendermos o presente das comunidades, que vivem há muito tempo ao seu redor, e juntos pensarmos na construção de um futuro justo, prudente, saudável, que tenha a vida como centro.

O livro que vocês têm em mãos resulta de um trabalho que busca aproximar os saberes que a ciência produz e os saberes tradicionais de povos que há muito tempo existem e re(existem). Esse movimento valoriza os territórios (e os corpos-territórios) e as realidades das comunidades de pescadores e pescadoras, unindo passado, presente e futuro. Ele une pessoas e nos lembra da força do coletivo para construirmos uma outra forma de estar e compartilhar a vida nesse planeta. O convite está feito: vamos nessa linda jornada conhecer a história do Rio Suruí que se encontra com a Baía de Guanabara!

Gabriela Ventura

Apresentação

Tivemos a oportunidade de realizar trocas com Carla Lubanco ao longo do mestrado acadêmico. Carla queria mergulhar na sua história, na história das mulheres de sua terra, Magé, localizada no fundo da Baía de Guanabara. Dissertações e pesquisas sobre rios existem muitas, com enfoques que vão da poluição até a bioquímica das águas. Mas Carla queria contar como era o rio da sua infância, o Suruí, que foi se transformando ao longo do tempo. Queria fazer uma história ambiental que juntasse pessoas e transformação da paisagem. Juntando pessoas, água, plantas e peixes, surgiu a dissertação, que teve como título *Interpretação da paisagem do rio Suruí a partir de uma reconstituição histórica ambiental participativa*. A dissertação foi concluída e defendida com elogios da banca. A experiência de estudar o rio, conversar com as pessoas, garimpar fotos antigas e visitar os lugares, foi certamente muito importante para ela. Como fazer agora que o objetivo de se tornar Mestra em Geografia foi alcançado? Parar por aí? Mudar de rumo? Não foi isso que Carla fez. Adentrou no campo do romance histórico e produziu o livro *“Até o rio tá triste: contos de realidades”*. Nele, Carla deu vazão àquilo que já estava há muito tempo dentro dela: trazer a realidade para as pessoas do seu lugar, numa linguagem que pudesse ser alcançada por todos. Linguagem acadêmica é uma coisa, linguagem literária é outra. A forma de pensar destes dois “idiomas” também é muito diferente. Ao contrário de um texto acadêmico, um conto histórico não precisa ser verdadeiro, mas tem que ser verossímil. Foi o que Carla conseguiu: juntar boa informação ecológica e histórica em torno do rio Suruí.

O primeiro conto do livro (Os devoradores de mundos) é todo feito na primeira pessoa, aliás como todo o livro. Mas o narrador é o próprio rio e conta histórias dos seus primeiros habitantes, os indígenas. No segundo conto (Até o rio tá triste), a história gira em torno de Mar, uma caranguejeira (catadora de caranguejos) e seu marido, pescador. Numa pescaria feita pelos dois na Baía de Guanabara, a rede veio cheia de um óleo gosmento. Era um gigantesco derramamento de óleo. O terceiro conto (Barriga D'água) é curtinho e conta com crueza a história de uma criança e seus problemas de saúde provocados pela poluição. No quarto conto (O deserto do rio invisível), é retomada a temática da redução da pesca no rio pela poluição. Finalmente, no quinto conto (O que se vê além da curva?), a narrativa se desloca para os engajamentos políticos dos pescadores e suas lutas para fazer valer seus direitos. Afinal, "território valorizado e população unida é o pesadelo pra quem acha que direito é favor." E o conto assim termina: "Todos ficam de pé, batem palmas fervorosas para Mar, que ao final do evento percebe nos rostos dos comunitários presentes uma esperança de que é preciso imaginar que é possível criar um futuro diferente e ele está logo ali, após a curva". Carla, muitos vão te aplaudir por essa obra, a começar pelo seu personagem e narrador principal, o rio Suruí! Parabéns!

Agnieszka Ewa Latawiec e Rogério Ribeiro de Oliveira



Introdução

Eu, Rio Suruí, ando por diferentes caminhos antes de me tornar um corpo passageiro. Vivo no céu em forma de vapor d'água, viajando como rios voadores, e logo sou absorvido pelos portais das folhas das árvores, que numa linda troca respiratória lançam oxigênio ao ar (aquele gás que vocês humanos precisam tanto pra respirar) e vou descendo por entre seus troncos, inundando a floresta de vida, até atingir as raízes, que é quando mergulho fundo em direção ao centro do Planeta. Da terra eu nasço quase como um milagre e vou ganhando um corpo de rio, que depois encontra com o mar. O Mar é então essa junção infinita de corpos. Corpos d'água que vêm de todos os lugares, mas que sempre passam pelas florestas.

Sem floresta não há água e sem água não temos vida.



Assim eu, Rio Suruí, antes de passar pelo bairro de Suruí e desembocar na Baía de Guanabara, passo pelos céus e pelas árvores da floresta da Mata Atlântica até nascer na Serra dos Órgãos. Esse lugar ainda está preservado. Mas o que aconteceria se desmatassem esse fragmento de floresta que ainda protege a minha existência?

Aliás, quem reconhece a minha existência? Estamos todos interligados por uma substância química que tem a capacidade de se moldar de acordo com a temperatura do ambiente que se encontra, compondo parte dos diversos seres vivos e se adequando aos mais amplos ou pequenos espaços: a água. Mas sabemos e aprendemos tão pouca coisa com ela!!

O que mais me encanta em ser rio (e em ser água) é a capacidade de mudar o rumo. Não precisamos fazer tudo como sempre fizemos. É possível se moldar a uma nova realidade. Assim, a água que pulsa em mim nunca deixará de existir, apenas tomará outros caminhos caso a cidade me sufoque ainda mais.

No passado eu tinha mais vida do que hoje, assim como existia mais floresta do que agora. O que aconteceu então? Ocorreu o que chamo de desmataMENTES.

O desmatamento, antes de devastar a diversidade do solo, devasta a diversidade da mente. Essa falta de diversidade foi sendo normalizada em consequência do modo de ação do sistema econômico em que vivemos hoje, que consome com fome a natureza, de uma forma que nós não conseguimos superar com a mesma capacidade.

E aqueles que de nós dependem diretamente caem no mesmo buraco profundo do desenvolvimento, que socializa os prejuízos e privatiza os lucros. Ou seja, a maioria dos que vivem em zonas de sacrifício sofrem com os constantes derramamentos de óleo, com a diminuição da biodiversidade de animais e plantas, com as enchentes, com os eventos climáticos extremos, com o lixo, o esgoto e as doenças. Mas são poucos os que lucram a partir do descompromisso político com o sofrimento do outro.

A humanidade está há séculos apostando num projeto em que o ser humano é o centro do mundo, como se as outras espécies estivessem logo abaixo para servir-lhes, o antropocentrismo.

Antropo (homem) + Centrismo (centro) = "O homem no centro"

Essa equação não deu nem um pouco certo pra mim, imagino que pra vocês também não.

Porque o que eu vejo, como rio, é uma pequena parcela de pessoas vivendo em cima de todos os outros seres vivos, incluindo outros próprios humanos. Esquecendo que somos um grande sistema de vida, a biosfera. Assim como a água toma outro rumo quando o ambiente não lhe cabe, precisamos pensar em outras formas de coexistir nesse mundo.

Uma forma que não estejamos nem acima e nem abaixo dos outros, e que a vida esteja no centro. Precisamos valorizar todas as formas de vida e não apenas a humana, aliás, de uma pequena parcela de humanos.

Eu, Rio Suruí, mereço o direito de (re)existir, direito esse que não me é dado, assim como para muitos de vocês humanos que me leem agora. A sede de consumo, que devora a natureza, suga a vida que ainda resta em mim e os que me fortalecem são aqueles que ainda de mim dependem para viver nesse mundo, que também os oprime e faz morrer.

Não quero ser apenas um amontoado de água com pouca vida, que apesar de vivo, vive a sofrer.

Precisamos reflorestar a diversidade em nossas mentes, reconhecer as outras formas de existir e habitar neste mundo, para que possamos construir um futuro diferente e digno para todas as formas de existência dessa biosfera.

Colorindo mentes, florestando os solos e abrindo caminhos para a água passar...



Os devoradores de mundos

Em uma tarde costumeira, o tempo passava sem pressa, como aquela sensação quente de verão, quando os Timbiras ouviram um estranho som vindo da direção de minhas águas. Era o prenúncio da morte. Em minha margem, dentre as árvores, ficaram de longe e observaram a chegada dos homens-branco, que vinham por cima das águas como se quisessem estar por cima dos Mundos. Quanto mais perto chegavam, mais estranhos pareciam. Era como se eles olhassem pros Timbiras e para mim com uma estranha admiração de quem se quer dominar. De longe se viam eles, com objetos pontudos por onde olhavam com apenas um de seus olhos cobiçadores e na ponta do barco tinha um símbolo, uma cruz, que futuramente eu e meu povo seríamos obrigados a carregar. Aquela estranha imagem foi tomando contornos cada vez mais visíveis ao atracarem em minha margem. Quantas roupas aqueles homens-branco vestiam, num calor de calafrios que estava àquela tarde! Pareciam cobrir não apenas as partes de seu corpo, mas de suas podres almas. Ao descerem, ouço uma voz falando em um idioma que jamais ouvira anteriormente. Não conseguia entendê-los, mas falavam com voz grossa e estridente e pareciam se admirar da sorte de terem descoberto aquelas terras - estava claro que o azar era nosso.

“Trec...trec...trec...trec...trec...”

Ouvia-se o estalar dos galhos a cada pisada dos homens-branco e, a cada passo dado, árvores caíam ao chão.

Era o som da mata chorando. Essa sinfonia perversa começa a tocar e a assustar os Timbiras, que de prontidão se colocam em posição de ataque. Aqueles estranhos seres vestidos de roupa e vergonha, andando por entre a mata que chorava, se depararam então com a figura dos Timbiras. Os imponentes homens-floresta, com pele avermelhada, cabelos escuros e os olhos acirrados como os daqueles que querem se proteger e proteger a sua terra, nem que seja pelo custo de suas próprias vidas. Quando frente a frente olharam com curiosidade um para o outro, uma sensação de conflito preenchia o ar, que parecia haver parado de circular durante um tempo.

De um lado as flechas, do outro as espadas. De um lado os homens-branco com suas pomposas vestimentas de esconder o corpo, do outro os homens-floresta com seus corpos à mostra, livres tanto quanto suas mentes.

Os homens-branco tentam então um contato, começam a falar como se os homens-floresta conseguissem entender. Mas, na verdade, eles só ouviam sua própria intuição, a de que aqueles Américos-Álvares estavam ali por alguma razão e, com certeza, não era para viver da mesma forma que eles, se não de desmatar suas diversidades com o machado civilizador. Não passou muito tempo para que eu, Rio, visse barcos e mais barcos atracarem e, cada vez mais homens-branco adentrarem as minhas terras. E, não por acaso, quanto mais Américos-Álvares apareciam, menos Timbiras eu via passar por mim. O que então acontecera?

Aqueles olhos claros dos Américos-Álvares (homens-branco) revelavam o abismo no qual estávamos próximos de cair. Para eles, nós, Rio, homens-floresta, árvores e animais, éramos um amontoado de coisas que poderiam consumir – isso mesmo – como uma mercadoria. Venderam nossas árvores, nossos pássaros, nossos peixes, nossas terras, nosso ouro. Devoraram nossas almas,

nossos corpos, nosso território e, quando de nós já pouco sobrava, trouxeram outros como nós de outros mundos, para os consumirem também. E assim, de mundo em mundo, os homens-branco foram destruindo os povos originários, de norte a sul, de leste a oeste.



Após aquela tarde em que nos deparamos pela primeira vez, os homens-branco vêm conquistando cada vez mais territórios, passando por cima da mata, dos originários Timbiras que resistem e de mim, Rio. Os Timbiras que não resistem são aqueles que temem pelos seus parentes, diante do poder de destruição. E foi na base desse medo que os Américos-Álvares colocaram seus interesses acima da vida dos homens-floresta e de tudo aquilo que lhes importava.

Eu, Rio, venho de águas cristalinas que descem do alto do morro e preenchem intensas curvas, delineadas por vegetação, que exalavam um verde vivo. Aliás, nesse horizonte, por onde se olhava, havia verde e havia vida, numa paisagem harmônica. Os humanos que ao meu redor habitavam viviam em equilíbrio ecossistêmico comigo, isto é, vivíamos em um sistema de vida abundante, onde compartilhávamos nossa diversidade e saberes. Eu, Rio, era como um familiar dos Timbiras, era respeitado e era enxergado, não apenas como um alguém que podia lhes oferecer sustentação em forma de alimento, mas, como um ser que sente e que ditava junto com o céu, o sol, a montanha e os animais, o humor de seus dias.

Os Timbiras viviam por entre as minhas margens, se entrelaçando pelas árvores de mangue, eles eram originários da região, assim como eu, e estavam ali tanto quanto se podia lembrar. Éramos como um só, sem divisão e sem rebaixamentos, vivíamos em Abya Yala. Isso durou até os Américos-Álvares (homens-branco) chegarem, por volta de 1500, e nos transformarem numa tal de América.

Assim, enquanto Abya Yala e seus povos viviam em equilíbrio e eram livres, a América foi reduzida à colônia portuguesa. Esse acontecimento mudou o curso, e não só da minha história.

De Rio que banhava corpos e era alimento, passei a um mero meio de transporte que levava a natureza roubada pra fora, me tornei histórico, não pela história que contei de mim, mas pelos homens-branco que tudo de mim usaram e, quando já não restava utilidade, encontraram outros meios para levarem nossa gente e nossa terra.

Os mundos cheios de cores, de gentes, de árvores, de vida verde foram desbotados.

Empalideceram o Planeta.



Até o rio tá triste

Aquele Ano Novo prometia. Na virada, muitas famílias da pesca a se reuniram num barzinho lá no remanso, lugar do meu encontro com a formosa Baía de Guanabara. E entre cervejas, fogos e músicas, fizeram aqueles pedidos de sempre, desejando mais saúde e prosperidade para aquele novo ano que se abria. Era o ano de 2000.

Aquelas famílias eram de pescadores e pescadoras artesanais, que viviam da pescaria de rede, vara, curral e catadores e catadoras de caranguejos que desbravavam os rios, manguezais e Baía em busca de sustento. Mas esses sistemas verdes não eram apenas sua fonte de renda, eram também sua fonte de vida, como a extensão de seus corpos, os corpos-territórios.

Mar era uma mulher, um desses corpos-territórios, que fazia parte das famílias da pesca, e no auge de seus 35 anos ia para o manguezal catar caranguejo, dia após dia. Sua vida era como a dança das marés, ela observava atentamente os ciclos da natureza para organizar seus próprios afazeres.

A hora do acordar, a hora do catar caranguejo, a hora de ajudar seu marido Fael a limpar o peixe e todas as outras horas de seus dias eram ditadas pelo ritmo da maré.

Desde que se entende por gente, Mar se vê caranguejeira, sempre morou na minha margem, antes com seus pais e agora com seu marido. De manhã, ela vai para o mangue e seu marido pro mar. Na hora do almoço, é só descer de sua casa e jogar uma linha com camarão na ponta, é “tiro e queda”, como bem diz, já sai com seu belo robalo para abastecer a mesa do almoço. Como há abundância no pescado, eles não passam fome, apesar da vida bem simples.

No pano de fundo de nossas vidas, uma empresa chamada “Brasil do Petróleo” cavava óleo da morte do chão e o transportava por entre grossos canos que passavam por lugares não tão distantes de nós. Eu ouvia Fael dizer que a qualquer momento ia ter “duto” passando em cima de nossas cabeças pra levar esse óleo.

Em um dia como todos esses vividos por Mar, em sua pacata vida, ela resolve ir pescar com seu marido. Na noite anterior, ela olhou para o céu estrelado e disse:

- “Nesse tempo bom que vai fazer amanhã, vou pescar contigo. Vai ter peixe a dar com pau e você vai precisar de mais mãos pra te ajudar!”

O dia ainda nem tinha amanhecido, naquela terça-feira - 18 de janeiro, e eles tiraram o barco que estava atracado em minha margem e foram em direção à Baía.

Mar e Fael remaram forte e, quando já na Guanabara, com o sol raiando, jogaram sua rede. Pouco tempo se passou e eles começaram a perceber que algo não estava certo. Uma lama preta estava se aproximando do barco. Puxaram a rede com pressa e desespero, que quando emergiu veio com uma gosma viscosa agarrada nos peixes que agonizavam. Jogaram aquela rede cheia de gosma fétida em seu barco, viram os peixes já sem vida e logo se entreolharam. Não conseguiam proferir uma palavra sequer, mas entenderam o que estava acontecendo.

O petróleo - óleo da morte - saiu do chão para lhes atormentar. Daquele silêncio de descrença do que estava no porvir, explodiu o sofrimento de saber que nada mais seria igual.

Começaram a brotar ondas de lágrimas dos olhos de Mar. Ela chorava com a alma, enquanto Fael gritava por socorro.

Eu estava ouvindo e vendo tudo, com medo de que o óleo da morte se aproximasse de mim, mas eu sabia que era inevitável.

Em pouco tempo, o barco deles estava no meio de uma Baía de Guanabara cheia de petróleo, com pontos claros espalhados pela superfície por onde podia se ver. Eram os peixes morrendo junto com sua esperança de um futuro melhor.

Naquele 18 de janeiro de 2000, Mar e Fael doaram toda sua força para tentar limpar os peixes, as praias e os pássaros daquele óleo

da morte. E quando o cansaço se fez maior, revolveram voltar para casa.

No barco, passando por mim, Mar rompe o silêncio dizendo:

- "O que nós tínhamos de vida, agora nós temos de morte! Até o rio está triste."

Choramos.

Dias se passaram, meses se passaram, anos se passaram.

Mar e Fael receberam uma merreca da "Brasil do Petróleo". Empresa essa que continuou lucrando em cima da Baía, dos rios e dos manguezais. E, como Fael previa, agora passam dutos por nossas cabeças.

Para complementar a renda, Mar, além de caranguejeira, passou a fazer faxina para fora. De fato, nada após aquele fatídico dia fora igual, foi pior. Sentimos o descaso do poder público com o nosso sofrimento e o tripudiar da empresa que lucra em cima de nossa falta de tudo.

A misty, overcast landscape with a body of water and a path leading towards the horizon. The scene is hazy and atmospheric, with a path leading from the foreground towards the water. The colors are muted, with a lot of grey and blue tones, suggesting a rainy or foggy day. The text is overlaid on the upper part of the image.

Eu, rio, vejo com tristeza a vida em mim morrendo.

As pessoas cada vez mais distantes, a margem cada vez mais cinza e, em mim, cada vez mais fios e dutos e menos barcos e redes. Sou como uma cicatriz na paisagem e venho lembrar que essa é a conquista de território calculado na base do terror.

Acidente é o que ocorre pelo acaso, crime é o que ocorre pelo descaso. Aquela música, o ritmo das marés, já não se ouve como antes.

Barriga D'água

Joaquim era menino moleque, sapeca que só. Gostava de soltar pipa na laje, como aprendera com o seu irmão mais velho, Thiago. Agora, com 9 anos de idade, ia pra escola com gosto, porque sabia que ali poderia ser o ponto de partida para transformar a vida da sua família.

Uma vez ele estava vendo televisão e viu um cara dizendo que era advogado e defendia os outros das injustiças. Foi o suficiente pra ele botar na cabeça que esse seria o seu futuro. Ele disse então:

- “Quando eu crescer, quero ser esse negócio aí de advogado, para defender vocês de todo mal do mundo!”

Thiago contou aos prantos no enterro de Joaquim.

Todos que estavam ali o abraçaram e choraram, juntos, a morte prematura de um menino brilhante e o interromper de seu futuro.

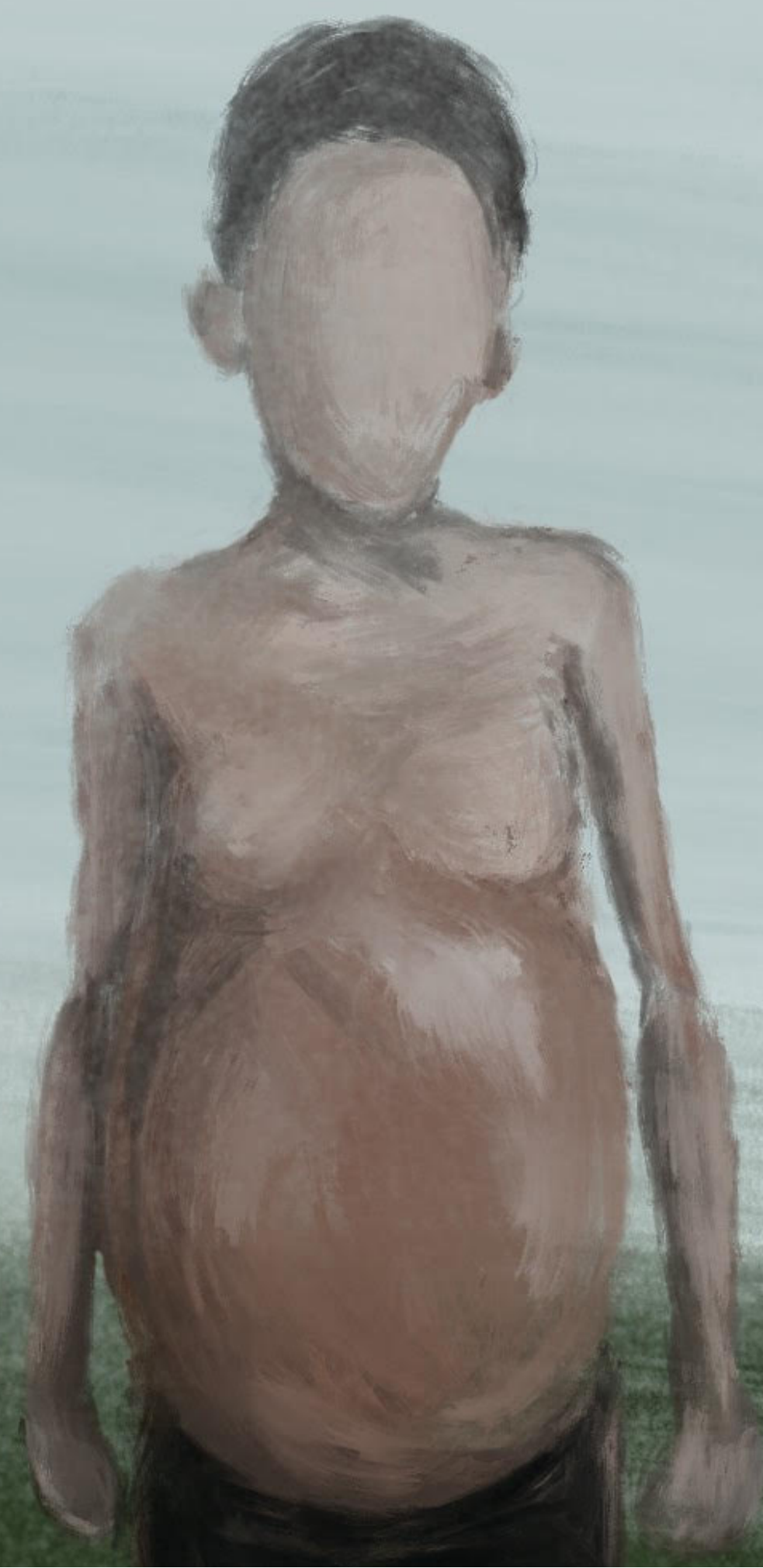
Joaquim, Thiago e seus pais moravam perto do Vai e Vém, um manguezal do bairro de Suruí. Todo final de semana os irmãos saíam juntos para tomar banho de rio, onde pulavam da ponte do trem em direção às minhas águas.

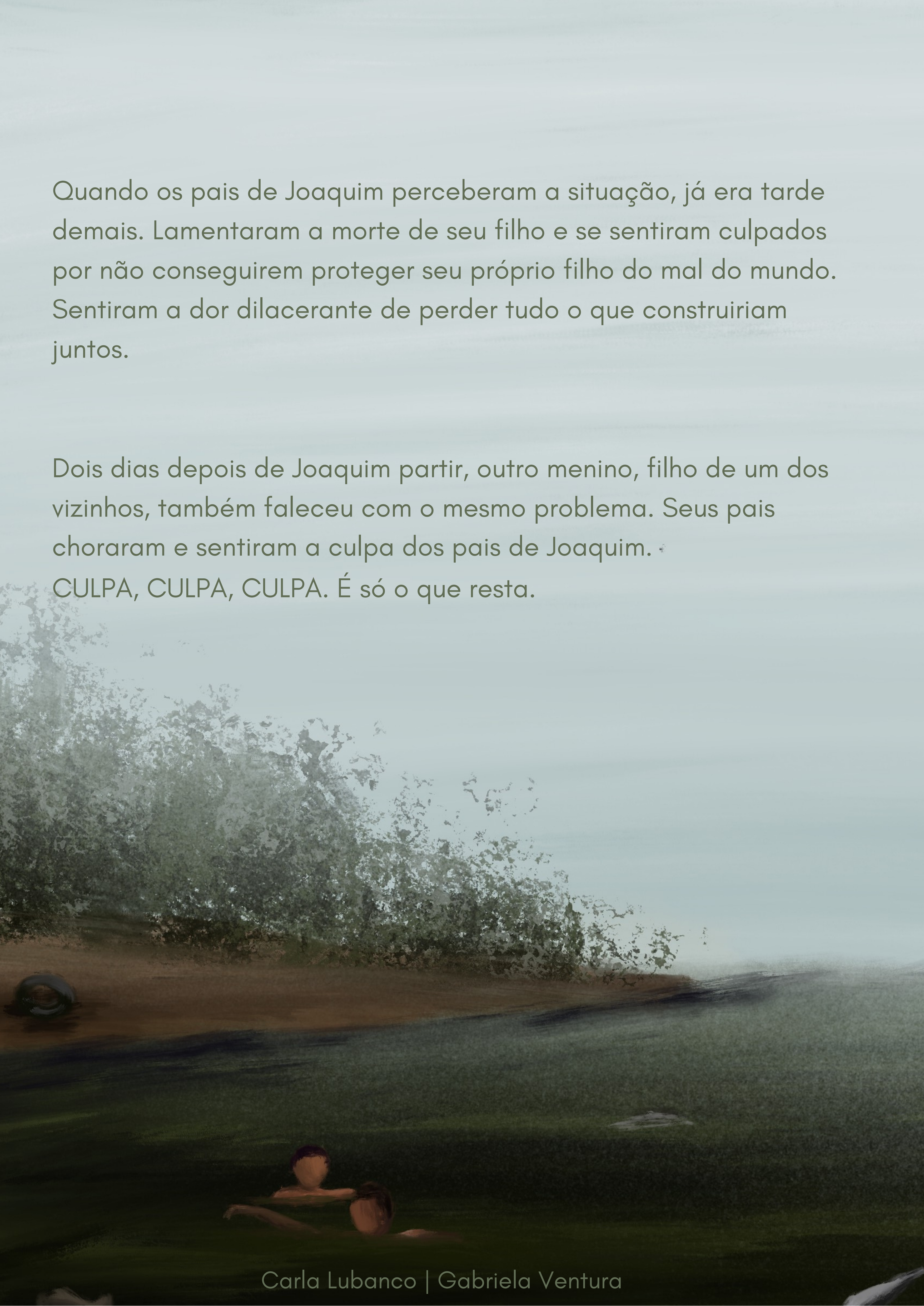
Acontece que minhas águas não são mais as mesmas e logo antes da ponte do trem, há uma tubulação de esgoto imensa, que jorra descaso público com a saúde humana.

Não passou muito tempo para Joaquim adoecer.

Thiago, com 15 anos, que cuidava do seu irmão mais novo para os pais trabalharem, percebeu que a barriguinha de seu caçula estava maior, mas não achou que fosse nada grave, apesar de o Joaquim apresentar muitas dores de barriga e pouca vontade de comer.

Com o passar do tempo, o menino sapeca foi ficando apagado, sem vontade de brincar ou de ir pra escola, pois até seus amiguinhos já o tinham apelidado de “Barrida D’água”. Então, além de não se sentir fisicamente bem, o menino tinha vergonha do corpo que agora apresentava.



A painting of a beach scene. In the foreground, two people are swimming in the dark green water. The middle ground shows a sandy beach with a large, white, crashing wave. The background is a hazy, light blue sky. The overall mood is somber and reflective.

Quando os pais de Joaquim perceberam a situação, já era tarde demais. Lamentaram a morte de seu filho e se sentiram culpados por não conseguirem proteger seu próprio filho do mal do mundo. Sentiram a dor dilacerante de perder tudo o que construiriam juntos.

Dois dias depois de Joaquim partir, outro menino, filho de um dos vizinhos, também faleceu com o mesmo problema. Seus pais choraram e sentiram a culpa dos pais de Joaquim. **CULPA, CULPA, CULPA.** É só o que resta.

O deserto do rio invisível

Cabelos brancos contornam o rosto do senhor João, que agora, com 70 anos, conta para seus netos que, quando jovem moço, andava por todos os cantos de Suruí. Ele diz:

- "Quando eu era moço assim da idade de vocês, eu ia lá no Rio Suruí e pegava os peixes da semana. A gente fazia até omelete de lagosta e tudo! Era de impressionar! Além do povo de Suruí, ainda vinha gente de todo canto viver a beleza do rio."

Isso eu, Rio Suruí, posso lhes contar também.

Tinha tanto peixe que quando a rede voltava pro barco era é peso. Eu alimentava aqueles que viviam ao meu redor com muito robalo, pescado amarelo, maria da toca, acará, corvina, bagre pena e até a lagosta que o "Seu João" disse. A comunidade comprava o pescado dos pescadores. Então, ao diminuir a quantidade de peixe no rio, diminuiu a disposição desses alimentos para a população também.

Todos saímos perdendo. Eu sem peixe, o pescador sem sustento e a comunidade sem alimento.

Pros netos de seu João, peixe só se compra no mercado. O caçula pensa em voz alta, "imagina só... ir num rio e ter comida lá?"

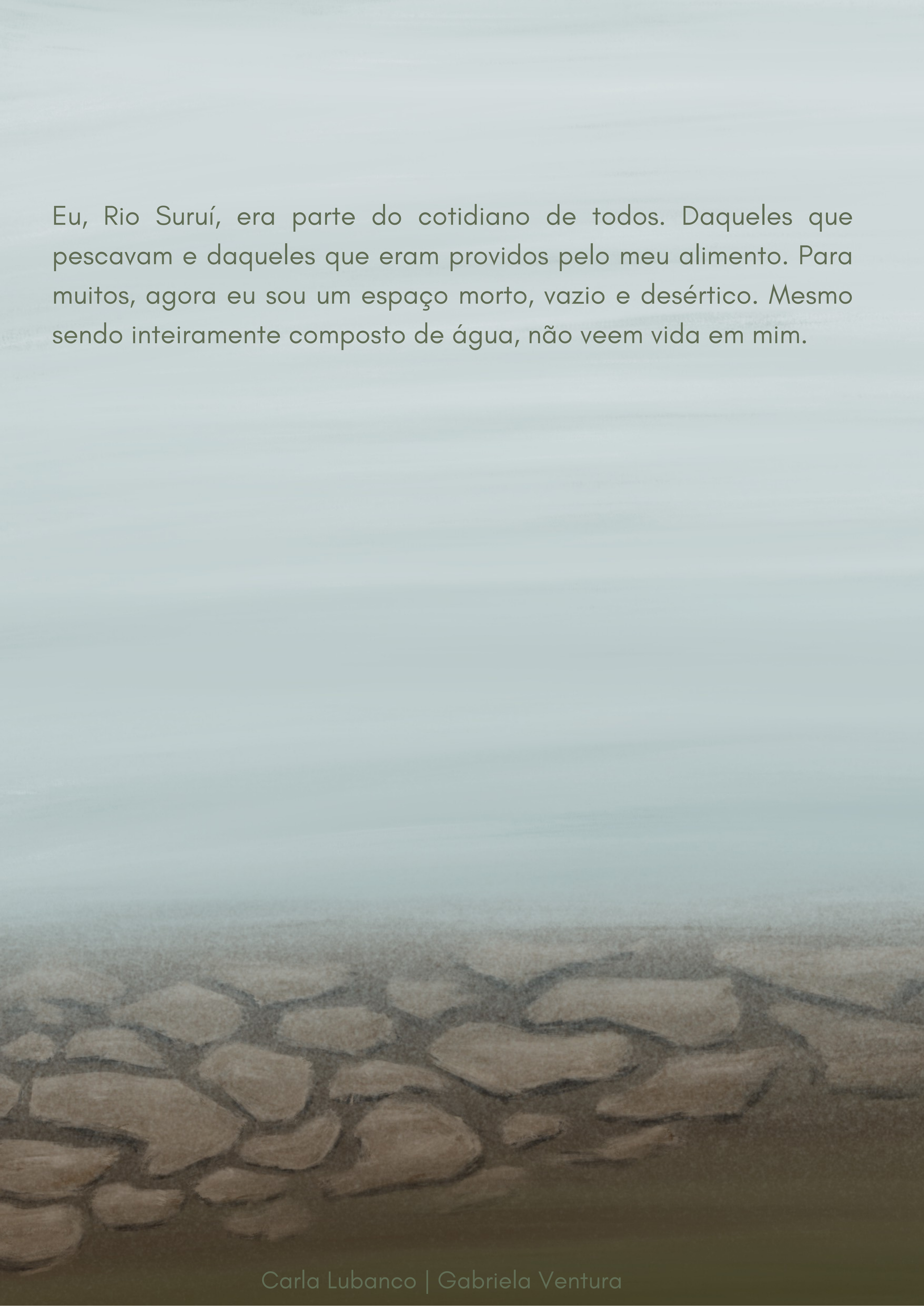
Pros netos de seu João, que cresceram longe do rio e da pesca, o Rio Suruí nem é rio mais, é valão. Se divertir nas águas então, nem se fala. Nem nadar esses meninos sabem.

Seu João, em meio à prosa, vê na carinha de seus jovens netos uma tristeza, pois eles perceberam que nunca se sentiram parte da natureza, apesar de viverem nela. O direito de conviver com o rio foi tomado por muitas ausências.

Logo seu João encerra a conversa dizendo:

- “Toda essa sujeira tirou o lazer das pessoas, ninguém deixa mais os filhos saírem pro rio. A gente tinha momentos de lazer quando a água era mais limpa, de tirar crianças dos vícios, levando as crianças para se divertir, agora não tem mais. Agora a gente tem que gastar o que não tem pra curtir fora porque o nosso rio está poluído. Temos um rio, mas parece que a gente vive num deserto, com tudo seco. Não pode tomar banho e não chega água pra nós. Vocês nasceram perto da água, mas nessa água não se banham, não se divertem e não se alimentam... que dor... isso é muito injusto!”

Essa é uma tristeza profunda que eu, Rio Suruí, também carrego comigo. Muitos povos que eram do rio não o são mais. Foram poucos os que resistiram na pesca. E as gerações que vêm se criando nesse bairro, nem como rio me enxergam.

A misty, overcast landscape with a stone wall in the foreground and a body of water in the distance. The scene is desaturated and has a soft, hazy quality. The stone wall is made of irregular, light-colored stones. The background shows a wide expanse of water or a field under a grey, overcast sky.

Eu, Rio Suruí, era parte do cotidiano de todos. Daqueles que pescavam e daqueles que eram providos pelo meu alimento. Para muitos, agora eu sou um espaço morto, vazio e desértico. Mesmo sendo inteiramente composto de água, não veem vida em mim.

O que se vê além da curva?

- “Da ponte do Rio Suruí, se veem muitas casas, muito esgoto, muito lixo e muito fio. Para quem passa rotineiramente ali e não vê além da curva, pensa que o Rio se resume à poluição. Mas, não é bem assim! Após a curva, o Rio Suruí parece até um rio daqueles amazônicos que a gente vê na TV. Bem largo, cheio de vegetação nas margens e com vida, ainda.”

Essa é a fala da Mar, presidente da Associação de Amigos do Rio Suruí (AMISur), numa conferência ambiental da prefeitura, que estava discutindo as possibilidades de Turismo de Base Comunitária, aliado a atividades de educação ambiental, para a cidade de Magé.

Após o crime ambiental de derramamento de petróleo do ano 2000, a Mar, que havia sofrido muito junto de sua família e companheiros de pesca, resolveu fundar uma associação que organizasse a luta pelos direitos dos pescadores e dos ecossistemas locais.

Então, a AMISur, composta de pescadores e pescadoras artesanais, vem fazendo um trabalho de valorização do Rio Suruí e da Baía de Guanabara perante a comunidade e chamando atenção do poder público para os devidos cuidados que precisam ser tomados para que o rio e a baía continuem vivos e pulsantes.

Daí surgiu a ideia da campanha “O que se vê além da curva?”, com o intuito de chamar atenção para a beleza natural que, apesar de degradado, o Rio Suruí ainda possui. Mar continua sua fala, em outro momento do evento:

- “Infelizmente, as pessoas que não estão no contexto da pesca, não conseguem ver além daquele trecho que corta o bairro de Suruí. Então a campanha ‘O que se vê além da curva?’ é para despertar a curiosidade, primeiramente dos próprios moradores de Suruí, mas também de outras localidades, para a vida que ainda existe nesse rio e para conseguirmos aliados na luta pela conservação do Rio e da Baía de Guanabara.”

Um comunitário presente no evento, seu Rômulo, questiona o que essa campanha está propondo e como ela vai ser financiada. Ele comenta:

- “Vocês, ONGs, vivem inventando coisas pra ganhar dinheiro e nós que não estamos com vocês, como nós ficamos? Esse rio podre aí...vocês estão inventando é ideia.”

Clap...clap...clap

A plateia bate palma para as palavras de Rômulo. Muitos nesse conjunto não fazem parte da pesca artesanal, pois seus pais saíram e arranjaram outras ocupações. Então, aquela relação com o ambiente natural que os cerca acabou se perdendo.

Logo, Mar responde:

- "Antes de responder como a campanha vai funcionar, eu gostaria de ler um pequeno texto, escrito por uma integrante de nossa comunidade. O texto se chama: Somos rios."

"Eu sou a água. Sou quase como a alma do rio, caso fôssemos querer explicar a natureza a partir da perspectiva humana. Estou aqui há mais tempo do que todos vocês podem sonhar em imaginar. Todos os seres vivos participam do meu ciclo, mesmo que não percebam. Desde as árvores aos seres humanos. Eu, água, passo por cada um destes organismos, venho e volto ao ambiente. A água que muitos bebem vem dos rios ou dos lençóis freáticos, que são os rios que entram nas profundezas da terra, e ainda há os que armazenam a água que caem dos rios aéreos em forma de chuva. No final das contas, é como se os rios vivessem em todos os lugares. No céu, debaixo da terra e dentro de vocês, humanos. Então eu, água, sou o rio e o rio me é. E vocês humanos são compostos de água, que são os rios e as chuvas, que vocês engarrafam e bebem. Eu sou o Rio Suruí, vocês são o Rio Suruí. Somos rios."

Ao longo da leitura, a plateia agitada vai se acalmando até chegar num silêncio cálido, de fichas caídas por perceberem algo que está bem à frente.

Somos rios, somos natureza.

Mar continua...

- "A primeira coisa que quero dizer é que a AMISur está organizando a campanha, mas os ganhos serão divididos igualmente para todos os pescadores e as pescadoras que estiverem participando do projeto. Vai ser uma renda extra para complementar o nosso sustento, já que agora está difícil viver só da pesca. Então, eles irão disponibilizar barcos e seus conhecimentos sobre o Rio Suruí, histórias e lendas para proporcionar uma experiência de turismo bem diferente dessa tradicional aí, de mercado. E digo mais!!!! Quanto mais pessoas visitarem aqui e quiserem conhecer a nossa história e o Rio, mais todos iremos ganhar. Porque o turista vai gastar na vendinha do seu Augusto pra comprar uma água, na padaria da Dona Marileide pra tomar um café... pode comprar um artesanato da Cleide e almoçar na Cabana. Aí o poder público vai ter que investir mais em nós, vocês vão ver. Território valorizado e população unida são pesadelos pra quem acha que direito é favor."

Até o rio tá triste

Todos ficam de pé, batem palmas fervorosas para Mar, que ao final do evento percebe nos rostos dos comunitários presentes uma esperança de que é preciso imaginar que é possível criar um futuro diferente e ele está logo ali, após a curva.



João Tindiba

Até o rio tá triste

Referências Bibliográficas

ACOSTA, A. O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo, Ed. Elefante, 2016.

ACSERALD, H, et al. O que é justiça ambiental? Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BATISTA, L.; PAULA, E.; MATOS, T. Saberes Tradicionais e a Ciência Moderna. VI Congresso de Nacional de Educação (CONEDU), 2019.

DEAN, W. A ferro e fogo: história e devastação da mata atlântica brasileira. São Paulo, cia das letras, 1996.

DIEGUES, A. C. S. A pesca construindo sociedades: Leituras em antropologia marítima e pesqueira. São Paulo: Núcleo de Apoio Pesquisa sobre Populações Humanas Áreas Úmidas Brasileiras/UIST, 2004.

DIEGUES, A. C. S. O mito moderno da natureza intocada. 6ª edição ampliada - São Paulo, HUCITEC: NUPAUB-USP/CEC, 2008.

DILGER, GERHARD et al. Descolonizar o imaginário: debates sobre pós-extratativismo e alternativas ao desenvolvimento. Fundação Rosa Luxemburgo, 2016.



FÉO, R. Raízes de Magé e Guapimirim: outras histórias e outras coisas (1500- 2012). Rio de Janeiro. ZEM, 2012.

HAESBAERT, R. Do Corpo-Território ao Território-Corpo (da Terra): Contribuições Decoloniais. Niterói: GEOgraphia, vol: 22, n.48, 2020

KRENAK, A. Futuro Ancestral - 1º ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LUBANCO, C.A. "Até o Rio tá Triste": a interpretação da paisagem do Rio Suruí a partir de uma reconstituição histórica ambiental participativa. Dissertação (Mestrado em Geografia e Meio Ambiente). Rio de Janeiro: Departamento de Geografia e Meio Ambiente, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2022.

NOBRE, A. D. O Futuro Climático da Amazônia: Relatório de Avaliação Científica. - 1º ed. - São José dos Campos - SP Edição ARA, CCST-INPE e INPA, 2014.

SHIVA, V. Monoculturas da mente: perspectiva da biodiversidade e da biotecnologia. São Paulo: Gala, 2003.

SAWAIA, B. et al. As Artimanha da Exclusão: A Análise Psicossocial e Ética da Desigualdade Social. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2001.